

A grande aventura urbana

Angela Prysthon

CAIAFA, Janice (2007). *Aventura das cidades. Ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV.



Resumo: Em *Aventura das cidades*, Janice Caiafa reúne oito ensaios apresentados e publicados nos últimos anos. O tema central de sete deles é justamente a experiência urbana e a errância pelas metrópoles contemporâneas, o último traz à tona as questões metodológicas que permeiam as etnografias das cidades feitas pela autora.

Palavras-chave: cidades; etnografia urbana; cosmopolitismo; micropolíticas; comunicação; antropologia urbana

Abstract: *The great urban adventure* – In *Adventure of the Cities*, Janice Caiafa compiles eight essays presented and published in recent years. The central theme of seven of these essays is, as indicated by the title, the urban experience and wandering through contemporary metropolises. The eighth essay broaches methodological issues that permeate the author's ethnographies of the city.

Keywords: cities; urban ethnography; cosmopolitanism; micropolitics; communication; urban anthropology

Janice Caiafa abre seu mais recente livro, *Aventura das cidades*, com uma saudação ao mundo, um verso de Walt Whitman que reforça e reafirma a cidade como a unidade básica da civilização e o cosmopolitismo como o principal credo do sujeito moderno. Mais do que um ornamento, a epígrafe escolhida marca a adesão a esses ideais, sublinha o que a própria Caiafa chama de atividade da vida inteira: a etnografia das cidades. Neste projeto, a definição de cidade depende da coexistência das diferenças num mesmo espaço geográfico, a vida na urbe é realçada pelas mudanças históricas que emergem destas diferenças e a experiência cotidiana é atualizada pelas transformações tecnológicas que aceleram os ritmos urbanos. Todos os ensaios incluídos neste livro apontam para a cidade como cenário para uma humanidade neonômada.

Porém, não é apenas a humanidade que se desloca constantemente, a própria noção de cidade vai se movendo junto com os transportes públicos e seus usuários, no ritmo das conversas entre os usuários do metrô, ao longo dos trilhos dos trens, na velocidade dos ônibus urbanos. A idéia de Caiafa é justamente, partindo da idéia de mobilidade pelas cidades (mais precisamente Nova York e o Rio de Janeiro), ir chegando ao coração da metrópole. Esta metrópole que vai acentuando as diferenças, que vai viabilizando um contexto cosmopolita para seus habitantes. Mas não apenas isso, pois a cidade ampliada altera tanto quem está dentro quanto fora dela. A metrópole moderna vem definindo desde o século 19 uma nova sensibilidade histórica. A cidade, então, vai ser apreendida como entidade única, como arquétipo geral. A vida metropolitana forçosamente implica numa constante sensação de deslocamento do homem dentro do mundo. Os sete ensaios (que podem ser lidos de modo independente) da primeira parte do livro dão conta justamente dessa sensação e suas relações com a comunicação.

O processo de formação das metrópoles não está demarcado pelos limites de um projeto totalizador e homogêneo, muito embora ele abarque diversas “propostas” e planificações urbanísticas, arquitetônicas, sociais específicas — e Caiafa apresenta de modo particularmente interessante as diferentes relações entre cidadãos e a ordem pública em Nova York e no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, nas aventuras urbanas empreendidas na primeira parte do livro, todos os movimentos em direção ao urbano parecem ter um fio condutor comum, um mecanismo propulsor que é a paixão pela cidade. O trânsito operado por sua etnografia revela um parentesco muito próximo com a *flânerie* benjaminiana (e não por acaso Benjamin reaparece em vários dos ensaios). Quase que reforçando a genealogia metropolitana do *flâneur*, a cidade neste livro também pode se configurar como fetiche. Também quase como o *flâneur*, que passeia pelas ruas e galerias arquetípicas da cosmópolis num roteiro que perpassa todos os vícios e virtudes da cidade; através dos seus deslocamentos nos ônibus, metrôs, trens, Caiafa se deixa interpelar pela cidade, ela embarca incondicionalmente na sua grande aventura: ver a cidade como transcendência, como fonte de um poder quase mágico, que não emana de nenhum elemento em especial (nem do fascínio de novos meios de comunicação ou transporte, nem do “luxo” cada vez mais acessível a um número maior de pessoas, nem das novidades arquitetônicas), mas da metrópole como essência.

Nesse sentido, podemos talvez enxergar nesse projeto uma nostalgia irremediável por uma cidade que em alguma medida está definindo. Se determinados espaços podem ainda ser considerados como território por excelência de um cosmopolitismo pós-moderno (lugares, situações que ligam o indivíduo ao consumo e a uma rede mundial de informações e produtos), já não existe um *flâneur* como o do século 19 e início do 20, porque de fato quase já não existe a cidade na qual flunar. As ruas e os bulevares em que o *flâneur* andava para “ser visto” tampouco existem. O espaço no qual “ser visto” se fragmentou em bares, restaurantes, lojas não do centro de uma metrópole em particular, mas do mundo

inteiro. Mais além, é mais relevante “ser visto” através das telas (de televisão, cinema, computador). Contudo, tal como Benjamin percebia o *flâneur* e a *flânerie* como antíteses para o burguês e seus interiores aveludados (o burguês protegia-se das ruas dentro da casa, buscando uma compensação pelo desaparecimento de vestígios da vida privada na cidade grande), para Caiafa, a mobilidade pela metrópole permitiria demandar, afirmar e conceber um novo projeto urbano coletivo, uma espécie de revitalização comunicativa da urbe — e para ela a sociabilidade no transporte público pode ser um ponto de partida para uma alteridade utópica. Para o *flâneur* a casa era a rua, pelo menos nas primeiras “errâncias” do homem da multidão. Caiafa pretende, a partir de sua etnografia urbana, resgatar esse entusiasmo da *flânerie* pela rua, recuperar o sentido da errância para a metrópole e para a compreensão da sociedade contemporânea, recolocar a cidade como esfera pública por excelência, como palco principal das micropolíticas cotidianas.

A segunda parte do livro, um único ensaio, mais longo que os sete da primeira parte, traz à tona as questões metodológicas que permeiam as etnografias propriamente ditas das cidades. Caiafa concebe este último ensaio também como viagem, como deslocamento. Neste caso, seria uma espécie de aventura arquetípica que serve de pressuposto às páginas anteriores. Nele, o percurso deslindado é aquele dos precursores e fundadores da etnografia moderna, e o da própria Caiafa quando em contato com tais autores e abordagens. Nele, são discutidos o papel do trabalho de campo na antropologia contemporânea e o transbordamento da etnografia para outros campos do conhecimento, entre os quais podemos incluir, certamente, a comunicação. O seu objetivo é precisar o tipo de pesquisa etnográfica que vem realizando há anos, além de desenvolver sua própria versão do que ela chama de método-pensamento. Talvez não seja tão arrebatador quanto os ensaios que o precedem, mas sem dúvida revela-se fundamental como referência para qualquer pesquisador interessado na conjunção cidades-comunicação-antropologia.

O livro como um todo, aliás, é um lançamento oportuno e valioso, não apenas pela crescente demanda tanto por uma bibliografia específica relativa à cidade e à cultura urbana como também pela necessidade e urgência de aprofundamento e sistematização da etnografia na área de comunicação. Além de, evidentemente, apresentar mais uma vez aos leitores a escrita precisa, fluida e elegante, os temas mais candentes do universo urbano e a consistência de pesquisa que sempre caracterizam os trabalhos de Caiafa.

ANGELA PRYSTHON é professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. É doutora em Teoria Crítica e Estudos Hispânicos pela Universidade de Nottingham, Grã-Bretanha. É autora de *Cosmopolitismos periféricos* (Bagaço, 2002) e organizadora de *Imagens da cidade* (Sulina, 2006), entre outros.

